



A imagem da China refletida nas páginas da revista *Época*¹

Ramon dos Reis FREITAS²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo responder se a revista *Época* (por meio de uma reportagem, publicada em 11 de abril de 2011) consegue mostrar a China com o mesmo olhar que uma chinesa tem sobre seu país, e o que é ser chinês. Para isso, serão enunciadas as identidades nacionais, como características simbólicas dentro de uma cultura. Será abordada a visão da China segundo a jornalista e escritora chinesa Xinran Xue. Por fim, faremos uma análise de conteúdo de uma reportagem publicada na revista *Época*.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; identidade cultural; representação midiática; China

1- Introdução

Stuart Hall (2006) em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, trabalha o conceito da identidade nacional e os símbolos culturais que compõem determinada sociedade - tradições e costumes, por exemplo. Esse conceito traduz o modo de vida de diversas culturas.

A China possui uma cultura milenar, carregada de símbolos e peculiaridades. O estilo de vida oriental nem sempre é compreendido pelo resto do mundo. Isso se deve, talvez, pelo modo como o país é apresentado pela mídia mundial e pela tendência à valorização dos costumes ocidentais.

O Brasil é um país que possui uma tradição cultural bem diferente da chinesa. As diferenças são de fácil percepção, e envolvem desde a língua, passando pelo modo de vestir, pela culinária e pelo comportamento social.

Este estudo pretende abordar algumas características da cultura chinesa apresentadas pelo olhar de uma escritora e jornalista daquela nacionalidade. Xinran Xue apresenta a China através de suas experiências e de depoimentos de chineses que ouviu

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante do 6º período de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); email: ramonjf13@yahoo.com.br. Trabalho orientado por Paulo Roberto Figueira Leal e Fernanda Nalon Sanglard.



durante o período que apresentou o programa de rádio “Palavras da brisa noturna”. Isso contribuiu para que ela tivesse um olhar diferenciado sobre o próprio país. Para esse trabalho utilizaremos como referência o livro “O que os chineses não comem” de Xinran, publicado em 2008.

Para entender como um dos veículos da mídia brasileira enxerga o país asiático, escolhemos a revista **Época**. A publicação da editora **Globo** possui tiragem semanal e também disponibiliza conteúdo na internet. Faremos uma análise de conteúdo do exemplar impresso da edição 673, que circulou no dia 11 de abril de 2011. A reportagem escolhida apresenta a cobertura da visita da presidente Dilma Rousseff à China, com a intenção de firmar acordos econômicos.

Nesta análise investigaremos como a **Época** mostra a China aos seus leitores, a partir da reportagem mencionada, procurando traçar um paralelo com a visão de Xinran sobre o seu país.

2- Identidade Nacional

A identidade nacional é caracterizada pela vertente do interacionismo simbólico e por pesquisadores dos Estudos Culturais como o sentimento desenvolvido por um povo que pertence à determinada nação (a qual ele se “identifica”). É uma tentativa de criar vínculos, marcada pelos costumes, pelas tradições e pela língua falada comum a esse grupo de indivíduos. Esses aspectos caracterizam e identificam as pessoas que os partilham, constituindo uma cultura nacional, como definida por Stuart Hall:

“Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos identificar, constroem identidades” (HALL, 2006, p. 50).

Para Hall, a cultura nacional é uma forma de construção social, aquilo que acreditamos que somos e os laços que criamos com determinada região ou grupo de pessoas fazem parte dos discursos que incorporamos. A cultura em que nascemos se constitui em uma das principais fontes de identidade cultural. Não está impressa em nossos genes, mas pensamos nela como se fosse de nossa natureza essencial, ou seja,



valorizamos muito os costumes e tradições que adquirimos ao longo da vida incorporando-os a nossa existência - como se fizessem parte de nós.

Nós nascemos com uma identidade nacional, mas ela pode ser transformada com nossas experiências. Exemplo disso é uma criança chinesa que vai ainda bebê para a Inglaterra, e lá aprende o inglês e os costumes daquele país. A criança nasceu na China, mas sua identidade nacional foi transformada de acordo com os costumes e experiências que ela adquiriu, ao longo do tempo que viveu na Inglaterra.

Para Hall, nação é uma comunidade simbólica, suas crenças e valores são criados para fortalecer essa ideia; o que conseqüentemente, estimula o sentimento de identidade e lealdade. Antigamente, o título de nação era dado aos grupos indígenas e religiosos, mas esse conceito foi se ampliando gradualmente, e hoje, qualificamos nação como o conjunto de indivíduos fixados no mesmo território.

A cultura nacional é tratada como “comunidade imaginada”, pois os indivíduos são o que imaginam ser. Dentro de uma nação prevalecem certos costumes que já foram “convencionados”, e muitos habitantes dessa comunidade praticam essa cultura por imaginarem que sendo agentes e atuantes dessa nação, precisam se fixar dentro de um padrão estereotípico. Hall aponta o papel da cultura nacional para a formação da identidade:

“Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo a mesma grande família nacional” (HALL, 2006, p. 59).

Uma cultura nacional nem sempre foi marcada pela lealdade. Tal argumento é sustentado por três aspectos históricos: 1) em muitos lugares a mistura de diferentes culturas ocorreu através da violenta colonização; 2) na formação de nações, como o Brasil, por exemplo, aconteceu o agrupamento de diferentes grupos étnicos e de gênero, 3) muitos lugares foram centros de impérios e esferas neo-imperiais de influência que carregaram o peso desse título – como o Brasil pós-colonização que serviu de corte para o império português. A mistura de diferentes tradições gera os híbridos culturais, que dentro de uma cultura nacional “costura” em uma única identidade seu povo.

O discurso acerca da cultura nacional já vem sendo tratado e analisado por muitos estudiosos e especialistas há bastante tempo. A problemática da ideia de pertencimento, identidade, aspectos culturais comuns a determinado povo e a



hibridização são temas de análise que se conflitam entre estudos antigos e futuristas.

Hall aponta esse problema:

“O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre passado e futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade” (HALL, 2006, p. 56).

Hoje observamos muitos povos, muitas culturas e muitas realidades diferentes. Cada nação se difere de outras por características próprias e pelo modo como estabelece tentativas de fixar e unificar as identidades.

Além de as identidades nacionais serem construções sociais e discursos, elas também podem ser interpretadas como uma tentativa de estabelecer laços e marcar diferenças. Mas há o problema de que dentro de uma nação, algumas características serem tomadas como generalizantes, mesmo que elas não sejam. Por exemplo, há o discurso de que os brasileiros gostam de futebol, ainda que muitos brasileiros não pratiquem ou entendam da modalidade esportiva.

Os chineses têm sua visão particular do que é ser chinês, isso implica em um conjunto de práticas e costumes que caracterizam esse povo. Essa visão, porém, pode não ser percebida pelo resto do mundo.

Os meios de comunicação de massa, como principais formadores de opiniões de um país, transmitem para seu público seu posicionamento sobre determinados assuntos. A visão construída acerca da China recebe contribuição das informações transmitidas pelos meios de comunicação. A maioria do público não é observadora direta dos acontecimentos, mas os acompanha a partir da medição dos veículos de comunicação, que divulgam os fatos - mídia.

A imprensa brasileira retrata a realidade com sua forma particular de enxergá-la. Vemos as notícias da China, por exemplo, com base em nossos preceitos sobre aquele país que já estão fixados em nossas mentes e em nossa forma de compreender os acontecimentos que envolvem aquela nação.

A principal preocupação deste artigo é analisar como a China e, conseqüentemente, a identidade nacional chinesa, é vista e interpretada pela revista **Época**. Em análise de um exemplar da revista citada, buscaremos identificar



características que demonstrem como o periódico apresenta a China para os seus leitores.

3- A China sob o olhar de uma chinesa

A cultura chinesa passou por grandes transformações ao longo de sua história. A principal delas foi a grande reforma comandada por Mao Tse-tung, que teve início em 1966. A Revolução Cultural tinha como objetivo implantar o comunismo e reformar a política chinesa, reeducando a população – principalmente os intelectuais. Esse processo incluía surras, ofensas morais e até assassinatos executados pelos guardas vermelhos. Entre as mudanças realizadas nesse período, um modelo de educação reformada foi implantado em que os adolescentes tomaram o cargo dos professores e os camponeses, o dos intelectuais.

Depois da morte de Mao Tse-tung, em 1976, Deng Xiaoping que tinha sido um dos “reformados”, assumiu o governo e decidiu virar a página da história do país instituindo algumas políticas de abertura. Essas medidas permitiram, mesmo que em parte, uma maior liberdade ao povo chinês e uma política menos opressora. Tais aspectos históricos são tratados na obra analisada.

Para melhor compreendermos a cultura nacional chinesa e o processo histórico no qual o país passou, utilizaremos as experiências vividas por Xinran Xue e também seu olhar crítico sobre a situação atual do país.

A jornalista e escritora chinesa Xinran Xue nasceu em Pequim, no ano de 1958. Com a abertura política da década de 1980, em seu país, ela criou o programa de rádio “Palavras na brisa noturna”. Durante os oito anos que o programa foi ao ar, ele serviu como forma de expressão para os chineses falarem de seus sofrimentos mais profundos, tristes experiências e relatos marcantes que nunca haviam sequer mencionado.

Impossibilitada de publicar os relatos em seu país, a jornalista mudou-se para Londres em 1997, e lá lançou seus livros com os relatos dos chineses que ouviu. Ao se estabelecer no país europeu, Xinran começou a trabalhar no jornal *The Guardian* (um dos jornais da Europa). Entre 2003 e 2005, ela publicou colunas com o objetivo de mostrar as particularidades da cultura chinesa e diminuir a “distância” de conhecimento e compreensão do resto do mundo em relação ao seu país.



Em seu livro “O que os chineses não comem”, Xinran (2008) publicou uma coletânea de crônicas que escreveu para sua coluna no *The Guardian*. Essas colunas traziam para o conhecimento do restante do mundo as principais particularidades destacadas por ela sobre a cultura chinesa, contendo assim uma visão da própria autora sobre o que é ser chinês.

Uma das muitas diferenças que a autora encontrou fora de seu país natal, refere-se aos cumprimentos cotidianos. O beijo no rosto, algo tão comum em muitos países, na cultura chinesa é qualificado como algo chocante:

“No Ocidente, ninguém consegue acreditar que o ato de beijar custou a vida de muitas mulheres chinesas. Quando trabalhava como apresentadora de rádio em Shangai, recebi certa vez um bilhete de suicídio de uma jovem de dezenove anos” (XINRAN, 2008, p.28).

Xiao Yu, a jovem citada acima cometeu suicídio depois de um vizinho ter visto um homem beijar sua testa. O peso de um beijo na vida dos chineses é tão grande, que os pais de Xiao começaram a se sentir envergonhados depois de ficarem sabendo do fato, que na China vai contra a “decência” pública. A jovem que sempre almejou ser motivo de orgulho para família, não suportou a pressão e resolveu dar cabo a sua vida.

Outro ponto importante percebido por Xinran é a desvalorização das mulheres em seu país. Lá, elas são subordinadas aos maridos e alguns dos requisitos para ser considerada uma “boa mulher” são: “nunca demonstrar seus pontos de vista em público e gerar um menino para árvore genealógica do cônjuge”. Xinran apontou sua opinião sobre esse fato em seu livro: “[...] achei que devia haver algo de errado com a cultura e educação chinesas, incapazes de ver os homens e as mulheres como iguais”. (XINRAN, 2008, p.30)

A comida típica de determinada região é algo que atrai a curiosidade e a vontade de experimentar de muitos outros povos. Foi pensando nisso que a escritora chinesa deu o nome “O que os chineses não comem” ao seu livro. Ela percebeu a partir de uma conversa entre ocidentais e chineses em Londres, que para compreensão das peculiaridades e excentricidades (tais como o consumo de cobras e gatos) da culinária chinesa, é mais fácil a resposta do que os chineses comem, do que a resposta do que eles não comem. No seu livro, ela transcreve trechos dessa conversa: “Tudo que voa no céu e pode ver, exceto aviões; tudo que nada no rio e no mar, exceto submarinos; tudo o que



tem quatro pernas na terra, exceto mesas e cadeiras – é isso que nós [chineses] comemos” (XINRAN, 2008, p.55).

Em passagem pelo Brasil, a escritora destacou em entrevista para a revista **Veja** sua opinião sobre a situação de seu país, e também as dificuldades de liberdade de expressão que a imprensa enfrenta. A religião e o sistema jurídico também são instâncias que os chineses encontram muita dificuldade para atuarem com liberdade:

“Não existe liberdade de religião na China, não existe liberdade de expressão, não existe liberdade de imprensa. Nosso sistema jurídico está longe de ser independente e os direitos individuais mais básicos são desrespeitados. Mas não se pode esquecer que a China perdeu 100 anos por causa da guerra civil e do ideário comunista. Não podemos simplificar a história. Quando vemos uma árvore cujas folhas estão machucadas e cujos galhos estão doentes, não basta dizer: vamos limpar as folhas e os galhos. É preciso lembrar que essa árvore tem raízes, ainda que não possamos vê-las. É preciso tempo para que as coisas mudem” (OYAMA, 2011).

Xinran ainda apontou sua visão sobre como a China é hoje e os fatores que contribuíram para a situação atual, tais como a revolução cultural e a política de abertura instituída no início dos anos 1980. E após todas essas mudanças, ela ainda diz que muitos chineses, por não serem acostumados com a liberdade e o uso dos seus direitos, ainda hoje encontram dificuldades para quebrar essa barreira que se firmou em suas vidas, impedindo-os de lutar e usar sua liberdade, mesmo que limitada.

“Acho que a China, hoje, é como um quadro de Picasso: tem nariz, olhos, boca, mas tudo está fora do lugar. Ficou isolada por tanto tempo e, agora, tudo está surgindo de uma vez. Antes dos anos 80, a China era um garoto sujo e esfomeado. Nunca teve a chance de tomar um banho quente, de vestir uma roupa limpa, de forrar o estômago” (OYAMA, 2011).

De acordo com a visão da escritora, apesar dos avanços que seu país vem adquirindo nos últimos anos, ainda existe certa resistência a essas mudanças por parte dos chineses. Isso se deve, talvez, pela cultura nacional ter sido firmada com base de opressão à liberdade, e a omissão da opinião pública.

4- Análise de conteúdo Revista Época



Para este artigo utilizaremos a edição 673 da revista **Época**, publicada em 11 de abril de 2011. Esse exemplar tem como capa uma silhueta de um homem em um fundo negro, com a seguinte inscrição na área central: “Vou matar vocês. Não adianta fugir”. O tema contextualiza com o atentado ocorrido em uma escola de Realengo – RJ, em que o jovem Wellington Menezes invadiu o colégio e abriu fogo contra os presentes. No episódio, 12 alunos morreram e mais 12 ficaram feridos, e o atirador suicidou após o atentado. O caso de Realengo aconteceu no dia sete de abril e ganhou grande repercussão na imprensa nacional e internacional.

Na mesma edição, a revista trouxe a reportagem: “Os zen dias de Dilma”. A matéria fala sobre a viagem da presidente à China - entre os dias 11 e 16 de abril deste ano -, com o objetivo de fechar acordos econômicos. O título da matéria faz referência à prática budista de meditação comum na cultura chinesa. Segundo a reportagem, Dilma Rousseff é adepta dessa técnica, desde que descobriu um câncer linfático, há dois anos.

De posse dessa informação, os jornalistas que assinam a matéria, Murilo Ramos e Daniela Cornachione fazem uma comparação entre a personalidade de Dilma enquanto ministra da Casa Civil e depois como presidente. Sobre esse assunto foram dedicados os cinco primeiros parágrafos da reportagem.

“O espírito de Dilma se desarmou, e assim diminuíram gradativamente as broncas históricas que a tornaram temida em toda a Esplanada dos Ministérios – alguns assessores do governo chegaram a pedir demissão desses pitos. A Dilma que fez campanha era disciplinada e obsequiosa. Deu certo. A Dilma que tomou posse era sóbria e equilibrada. Deu mais certo ainda” (RAMOS e CORNACHIONE, 2011, p.66).

O subtítulo da matéria: “A meditação fez da presidente uma pessoa mais tranquila. Até aqui foi fácil. O primeiro grande teste virá agora, com a viagem à colossal e agressiva China”, traz a opinião do veículo sobre o possível desafio que Dilma iria enfrentar no país oriental. Os adjetivos “colossal” e “agressiva” remetem a uma visão construída em grande parte pela mídia. O termo ‘colossal’ pode ser uma referência ao tamanho da população - a maior do mundo - e também a crescente economia do país. Já o termo ‘agressiva’ pode indicar as fortes políticas implantadas pelo comunismo, assim como a atual posição da China na economia mundial. A ideia é um pouco diferente da abordada por Xinran, que destaca mais a preocupação cultural e social do que o viés econômico presente na matéria.

A partir do sexto parágrafo, a matéria começa a descrever detalhes sobre a comitiva brasileira que contou com 300 empresários e também o primeiro grande desafio



da presidente no cenário internacional. Segundo a reportagem, a postura de Dilma no encontro seria extremamente focada na política econômica entre os dois países.

“Os diplomatas avisam: que ninguém espere menções, mesmo que sutis, às constantes violações de direitos humanos promovidas pelo regime de Pequim. O Itamaraty aconselha que Dilma seja ‘pragmática’ – o que significa falar apenas de economia” (RAMOS e CORNACHIONE, 2011, p.68).

A seguir a matéria afirma que, “Dilma e o Itamaraty ainda não têm uma estratégia para lidar com a força da economia chinesa” (RAMOS e CORNACHIONE, 2011, p.68). Além disso, de acordo com a revista, a presidente vai evitar seguir a política do governo Lula com a China. Ao contrário de seu antecessor, que em 2001 visitou a país a convite do Partido Comunista Chinês, Dilma pretende evitar associações que não sejam pertinentes ao seu principal objetivo: acordos econômicos.

No histórico de transações e acordos entre Brasil e China durante o governo Lula, a revista mostra que o país asiático se apresentou como um grande parceiro de negócios com Brasil, porém, muitas vezes não cumpriu sua parte. Essa série de “furos” que a China cometeu, abriu margem para que os repórteres da **Época** emitissem sua opinião a respeito do país: “Ninguém que conhece os chineses acredita que eles cumpririam essa promessa” (RAMOS e CORNACHIONE, 2011, p.69).

A matéria ouviu fontes especializadas como, por exemplo, o professor de negócios internacionais da USP e estudioso da relação entre Brasil e China, Paulo Roberto Feldmann. Em vários momentos foram apresentados dados e balanços referentes às transações feitas entre os dois países. Em uma das citações, o especialista afirma: “A China está nos colonizando. O país compra matéria-prima nossa, a transforma em produtos e nos vende de volta. É o que os Estados Unidos fizeram com o Brasil há 40 anos. A diferença é que ninguém está reclamando do mesmo jeito” (RAMOS e CORNACHIONE, 2011, p.70).

O texto cita algumas diferenças burocráticas entre o Brasil e a China. No país oriental, por exemplo, uma empresa pode ser aberta em 38 dias, no Brasil esse procedimento dura cerca de 120 dias. Esse fato, de acordo com a revista, está associado à diferença de governos entre os dois países.

“É importante frisar que a China não é uma democracia. Por isso, os desígnios do governante de plantão são cumpridos rapidamente. Não há contestações de Tribunais de Conta ou do Ministério Público, instituições



fundamentais numa democracia. Nem preocupações com o respeito ao meio ambiente ou à qualidade de vida do trabalhador” (RAMOS e CORNACHIONE, 2011, p.71).

A reportagem apresenta ainda dois infográficos. O primeiro traz dados que refletem a relação comercial entre Brasil e China. O segundo apresenta os principais itens que são produzidos pela China e comercializados por grande parte do mercado internacional.

Na matéria em questão, há a presença de uma grande imagem com a silhueta de Dilma Rousseff, sobreposta na bandeira da China. Essa figura representa de forma objetiva o fato principal da reportagem - visita da presidente ao país oriental. Além disso, a sobreposição sugere uma possível valorização da figura de Dilma - que está representando os brasileiros -, sobre a China.

Como fechamento da reportagem, a revista apresenta uma pequena retransmissão sobre o Museu Nacional da China, situado em Pequim. Intitulada “A ilha da fantasia da Paz Celestial”, a notícia trata com certo tom de ironia, o fato do museu - que reabriu suas portas depois da reforma que durou 11 anos -, recontar através de obras de arte e relíquias a história do país sem mencionar claramente à Revolução Cultural. Segundo a *Época*, apenas uma foto faz referência ao período. A revista ainda utiliza da fala de um arqueólogo da Universidade de Pequim, que preferiu manter seu anonimato, para reforçar sua ideia principal: “O museu ignora os conflitos, o que uma mostra histórica não deveria fazer. Não é um museu é propaganda” (RAMOS e CORNACHIONE, 2011, p.71).

A cobertura do periódico em relação ao acontecimento em questão - visita da Dilma à China -, apresentou os principais fatos de forma ampla, ao longo de suas seis páginas dedicadas ao assunto. A cobertura da *Época* foi abrangente utilizando de infográficos e imagens para mencionar informações referentes à economia, e também correlacionar a visita da presidente com, as feitas por Lula em seu mandato.

A identidade nacional chinesa foi apresentada segundo uma visão limitada que o Brasil tem da China. Foram destacados aspectos baseados em silogismos e suposições que estão presentes no nosso conhecimento, também limitado. Esse conhecimento foi construído baseado em apresentações da China pelos meios de comunicação de massa.

5- Considerações finais



Um país é marcado por sua identidade cultural. Entretanto, essa identidade nem sempre é vista da mesma forma pelos não atuantes dessa sociedade. A pluralidade de olhares sobre um povo se dá levando em conta o nível de envolvimento e o objetivo ao qual o observador se destina. Os meios de comunicação têm como principal interesse mostrar os fatos noticiosos, moldados com a linguagem particular de seu público-alvo.

Ao analisarmos o exemplar 673, da revista *Época*, e o livro “O que os chineses não comem”, verificamos que em diversos momentos existe uma convergência entre o periódico e a opinião da escritora sobre a China. Apesar da *Época* não ter se aprofundado em questões políticas e culturais da nação oriental, as citações que utilizou foram suficientes para observarmos que existe certa semelhança entre os dados da matéria e a opinião da chinesa.

Por outro lado, a revista em alguns momentos insinua que por o país oriental não ter no passado, firmado os negócios a que se propôs com o Brasil, também não os cumprirá agora. Em vários momentos, os jornalistas que assinam a matéria emitem opiniões que reforçam esse posicionamento negativo.

Na imagem da silhueta de Dilma sobre a bandeira da China, é possível que a intenção da revista seja de sobrepôr o Brasil à China. Isso se deve, talvez, pelo fato que seu público-alvo viva aqui, e tenha o sentimento de valorização e pertencimento por essa nação – interpretando-a como superior.

A matéria não se preocupou em apresentar novas percepções sobre a China, sustentando, porém, uma visão já construída anteriormente – como nos momentos em que qualificou o país como “colossal” e “agressivo”. Entretanto, a reportagem não omitiu os lados positivos que o país em questão possui. Dados da crescente economia chinesa, bem como seu grande comércio no mercado internacional foram mostrados.

O presente estudo abre margem para um maior aprofundamento do tema, com a possibilidade da execução de trabalhos em diversas áreas de estudo.

6- Referências bibliográficas

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.



XINRAN. **O que os chineses não comem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OYAMA, Thaís. **Vocês não entendem a China**. VEJA. DISPONÍVEL EM:
<http://veja.abril.com.br/220709/voces-nao-entendem-china-p-017.shtml>. ACESSO em:
28 de junho de 2011.

RAMOS, Murilo; CORNACHIORE, Daniela. **Os zen dias de Dilma**. 673 ed. ÉPOCA:
editora Globo, 11 de abril de 2011.